

XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

El encuentro entre el socialismo y la sociología en America Latina: Florestan Fernandes lector de Mariátegui.

Deni Ireneu Alfaro Rubbo.

Cita:

Deni Ireneu Alfaro Rubbo (2015). *El encuentro entre el socialismo y la sociología en America Latina: Florestan Fernandes lector de Mariátegui. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/269>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

El encuentro entre el socialismo y la sociología en América Latina: Florestan Fernandes lector de Mariátegui

Nombre: Deni Ireneu Alfaro Rubbo

Institución: Doctorando em Sociología en la Universidad de São Paulo (USP) y becario de CAPES. Correo electrónico: deni_out27@uol.com.br

Resumen: Florestan Fernandes es uno de los pioneros en la difusión de la obra de José Carlos Mariátegui en Brasil. El objetivo principal de este trabajo es analizar e interpretar algunas manifestaciones del encuentro entre Florestan y Mariátegui. En primer lugar, se plantea algunos de los principales atractivos de la obra del pensador peruano en los textos, entrevistas y intervención pública del sociólogo brasileño. En segundo lugar, vamos a ofrecer el resultado de una búsqueda en el archivo “Fundo Florestan Fernandes” que arroja luz sobre el trabajo materializado a lo largo de las lecturas realizadas por Florestan Fernandes: son numerosos los grifos, notas, preguntas inscritas en los libros del pensador peruano que el sociólogo tenía disponibles en su biblioteca privada. Así, vamos a tratar de reforzar la idea de que muchas de las cuestiones y problemas planteados por Amauta en el Perú en la década de 1920 - y, por extensión, en América Latina - realmente despertó el interés de lo que se considera el más grande sociólogo brasileño. Es a partir de esta fecha que podemos discernir un capítulo importante en el encuentro entre la sociología crítica y militante en América Latina.

Palabras clave: Florestan Fernandes; José Carlos Mariátegui; marxismo; América Latina; sociología.

I. No labirinto da América Latina: o encontro entre Florestan e Mariátegui

O interesse de Florestan pelos dilemas do continente latino-americano assim como pela produção política e sociológica do marxismo no Novo Continente também tem sido um tema promissor, ainda que pouco explorado entre os especialistas. O encontro entre Florestan e a América Latina ocorrerá *efetivamente* depois do decreto de sua aposentadoria compulsória da Universidade de São Paulo (USP), no final de 1968, que obrigou o sociólogo paulista, dada o decreto pela ditadura civil-militar do Ato Institucional nº5, aceite o convite para lecionar na Universidade de Toronto (Canadá), para onde se mudará no ano seguinte. A partir da década de 70, duas dimensões se constituem com total intensidade na produção e na trajetória do sociólogo brasileiro: se aprofundar nos estudos do marxismo, através da leitura dos clássicos

(Marx, Engels, Lênin), e seus estudos sobre América Latina¹. Desse modo, aprofundar-se-á sua reflexão sobre o Brasil e sobre sua condição de sociólogo socialista².

É durante esse período de intensa radicalização política que, *provavelmente*, Florestan descobre a obra de José Carlos Mariátegui (1894-1930), elo pioneiro na fusão entre marxismo e América Latina³. Como afirmou o sociólogo mexicano Adolfo Sánchez Vásquez, o peruano foi um dos pensadores mais originais que procuraram “produzir um marxismo que corresponde à realidade latino-americana”⁴. Todavia, é claro, Florestan não estava sozinho nessa descoberta. Autores latino-americanos de sua geração como Orlando Fals Borda, Pablo González Casanova, Rodolfo Stavenhagen, Gerárd Pierre-Charles, Moreno Graginal, Aníbal Quijano e outros, separadamente e de modo independente, foram responsáveis pela consolidação das ciências sociais em seus respectivos países e estavam imbuídos das mesmas metas, do ponto de vista investigativo, que de Mariátegui. Nesse sentido, todos alavancavam temáticas semelhantes sobre o caráter especial da periferia no sistema capitalista mundial, como o tema da dependência, do imperialismo e do caráter da burguesia. Esse *boom* de pensamento radical latino-americano no final da década de 1960 e início da década de 1970 situava-se igualmente em um contexto de radicalização dos processos políticos pela qual passavam os países da América Latina⁵. Não apenas JCM figurava entre as referências latino-americanas importantes de Florestan Fernandes, mas também o cubano José Martí, o argentino Sérgio Bagu, o brasileiro Caio Prado Junior, dentre outros.

De todo modo, Florestan será um dos responsáveis pela *divulgação* da obra do teórico peruano no Brasil. Mais do que isso, seria justamente o sociólogo brasileiro “o primeiro

¹ O interesse de Florestan pela produção bibliográfica de países da América Latina se reconfirma, por exemplo, nas oitenta e oito páginas de fichamentos, divididos em dois blocos menores presentes na Biblioteca Comunitária/ Decore/Fundo Florestan Fernandes 02044667 (Gaveta 03). Nestes blocos há uma vasta bibliografia histórica, política e sociológica, toda em inglês, de países como: Cuba, Guatemala, Venezuela, Bolívia, Colômbia, Haiti, Chile, Argentina, Republicana Dominicana, México, Peru e Brasil.

² Carlos Guilherme Mota, “Florestan: memória e utopia”, em AA.VV. *Florestan Fernandes ou o sentido das coisas* (São Paulo, Boitempo, 1998), p. 13.

³ Doravante JCM. Dentre as dezenas de livros e artigos que buscaram introduzir a vida e a obra de Mariátegui, mencionaremos apenas alguns deles. Cf. Antonio Melis, “Mariátegui, primer marxista de America”, em Antonio Melis, *Leyendo Mariátegui* (Lima, Amauta, 1999), p. 11-53; Guillermo Rouillin, *La creación heroica de José Carlos Mariátegui* (Lima, Arica, 1975), tomo I e II; Diego Mesesguer Illan, *José Carlos Mariátegui y su pensamiento revolucionario* (Lima, IEP, 1974); Aníbal Quijano, *Introducción a Mariátegui* (Lima, Mosca Azul, 1980); Robert Paris, *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui* (México, Pasado y Presente, 1981); Osvaldo Fernández, *Itinerario y trayectos heréticos de José Carlos Mariátegui* (Santiago, Quimantú, 2010); Leila Scorsim, *Mariátegui: vida e obra* (São Paulo, Expressão Popular, 2006).

⁴ Adolfo Sánchez Vásquez, “Mariátegui, grandeza e originalidade de um marxista latino-americano”, em Luiz Bernardo Pericás e Paulo Barsotti (orgs), *América Latina: história, ideias e revoluções* (São Paulo, Xamã, 1998), p. 54.

⁵ Entrevista com Diogo Valença de Azevedo Costa, setembro 2014.

grande impulsionador da obra mariateguiana no Brasil, *de facto*”⁶. Foi por incentivo de Florestan que em 1975 a Editora Alfa Ômega conseguiu editar, pela primeira vez no país, os *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, livro publicado originalmente em 1928, apontado como o mais influente estudo histórico de uma nação da América do Sul⁷. Com mais de 47 anos de atraso da publicação original, a edição brasileira contaria ainda com um pequeno *prólogo* de Florestan reafirmando a importância intelectual do livro por suas temáticas inovadoras. A descrição que o sociólogo brasileiro faz no prólogo destaca não apenas o pioneirismo de uma obra pela qualidade “lúcida e notável”, mas também pelas temáticas trazidas à luz do método marxista e pela linguagem que combinou profundidade e acessibilidade:

Mariátegui não se afirma apenas como pioneiro. Ele promove as primeiras análises concretas, de uma perspectiva marxista, de vários temas cruciais: a formação do capitalismo na Espanha, a irradiação do capitalismo da Europa para a América Latina, as transformações da dominação imperialista sob o impacto do aparecimento e fortalecimento da grande corporação ou da presença norte-americana, e, sobretudo, as relações entre base econômica e as estruturas sociais e de poder da sociedade peruana, nas várias fases do período nacional. Em uma linguagem extremamente densa mas muito clara, ele sempre resume o essencial, partindo com frequência dos resultados das melhores investigações já realizadas, cujo aproveitamento e análise crítica ele nunca esconde dos leitores⁸.

Fato é que diante da vastidão da obra de Florestan, Mariátegui não figura como uma referência teórica marxista *decisiva* na fase militante de Florestan, como foram Marx e Lênin, mas como expressão *importante* de como estudar um país da periferia do sistema do capitalismo monopolista através do método marxista. Ele não constitui a matriz teórica das reflexões do sociólogo brasileiro, mas não deixa de ser uma *referência indispensável* que tratou com profundidade, esforço e lucidez dos dramas sociais e históricos da América Latina. Uma das declarações que o reforçam está num livro-entrevista, publicado em 1978 sob o título *A condição de sociólogo*. Curiosamente o sociólogo marxista, em um primeiro momento, destaca como Mariátegui foi pródigo por realizar um balanço crítico, integral e decisivo do movimento modernista no Peru (especialmente no ensaio sobre a literatura dos *Sete ensaios*). Em suas palavras, “aí [em Mariátegui] temos, de fato, uma interpretação densa, crítica e negadora do Peru. O Peru do passado o Peru do presente, desembocando em uma

⁶ Luiz Bernardo Pericás, “José Carlos Mariátegui e o Brasil”, *Estudos Avançados* (São Paulo, v. 24, n. 68, 2010), p. 345.

⁷ José Carlos Mariátegui, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* (São Paulo, Editora Alfa Ômega, 1975).

⁸ Florestan Fernandes, “Prefácio”, em José Carlos Mariátegui, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, op. cit., p.XIII. O prefácio foi republicado em um livro organizado por Enrique Amayo e José Antonio Segatto, *J. C. Mariátegui e o marxismo na América Latina* (Araraquara, UNESP, FCL, 2002).

concepção totalizadora e integradora da transformação do Peru através de uma revolução socialista”⁹.

Ainda segundo Florestan, os modernistas brasileiros ficaram aquém do papel crítico que lhes caberia da sociedade brasileira. Eles teriam aberto concessões justamente para aquilo que deveriam fazer oposição. Afinal, o “modernismo é a negação da consciência burguesa, o *anti* da consciência conservadora”¹⁰. Por essas razões, a obra mariáteguiana com sua densidade crítica deveria servir como parâmetro análise do que ocorreu no modernismo no Brasil. “Eu gosto de usar o paralelo com Mariátegui porque ele é didático e nos mostra, de uma vez e para sempre, o que o movimento modernista ‘deveria ser’, mas não foi. Compare-se *Os Sete ensaios* com a produção dos nossos modernistas”¹¹. Não por acaso, nas breves anotações à margem que fez do último ensaio dos *Sete ensaios*, presente em sua biblioteca particular, Florestan insinua que se deve comparar o processo de modernismo peruano com o do Brasil, especialmente através da revista modernista *Colónida* (fundada em 1916), que “*equivale* ao modernismo aqui [no Brasil]” (nosso itálico)¹².

Em outro momento, Florestan ressalta ainda que rapidamente a importância de Mariátegui como exemplo de “investigação científica engajada” na América Latina, juntamente com Caio Prado Júnior e Sérgio Bagú. O trabalho em questão seria o afamado ensaio “Reflexões sobre as ‘Revoluções Interrompidas’ (uma rotação de perspectivas)”, de 1981, composto no livro *Poder e contrapoder na América Latina*¹³. O objetivo do texto é questionar até que ponto a transformação capitalista nos países latino-americanos não rompeu completamente “com formas coloniais de exploração do trabalho e nos quais as classes se tornaram *burguesas* através e atrás do desenvolvimento do capitalismo”¹⁴. Tanto Mariátegui como Caio Prado e Sergio Bagú, segundo Florestan, antecipariam conclusões da esquerda revolucionária dos anos 70 ao desvendarem o caráter especial do capitalismo em países de origem colonial. Finalmente, no início opúsculo divulgado durante campanha eleitoral à Câmara dos Deputados, em julho de 1990, intitulado “Em defesa do socialismo”, o teórico

⁹ Florestan Fernandes, *A condição de sociólogo* (São Paulo, Hucitec, 1978), p. 36.

¹⁰ *Ibidem*, p. 35

¹¹ *Ibidem*, p. 33.

¹² Como se sabe, Mariátegui ajudou a fundar juntamente com Abraham Valdelomar, Percy Gibson e José Maria Eguren, entre outros, a revista em que publicou poemas. Sua participação na juventude do grupo não impediu que, posteriormente, tivesse um distanciamento crítico diante do “movimento”, que “constituía um sentimento ególatra, individualista, vagamente iconoclasta, imprecisamente inovador”. José Carlos Mariátegui. *7 ensayos de interpretacion de la realidad peruana* (Lima, Amauta, 1969), p. 282. Para uma análise sobre o assunto ver Carlos Arroyo Reyes, “Mariátegui y el colonidismo. Notas sobre la revuelta literária de 1916”, em *Anuario mariáteguiano*, n.8 (Lima, Amauta, 1996), p. 266-270.

¹³ Florestan Fernandes, “Reflexões sobre as ‘Revoluções Interrompidas’ (uma rotações de perspectivas)”, *Poder e contrapoder na América Latina* (Rio de Janeiro, Zahar, 1981), p. 72.

¹⁴ *Idem, Ibidem*.

político e jornalista peruano volta a ser mencionado. Eis as palavras iniciais de Florestan: “o título deste escrito lembra Mariátegui que reuniu vários ensaios em um famoso livro: *Em Defesa do Marxismo*. As oscilações históricas provocam essas recorrências”¹⁵. A provocação contida na última frase sugere justamente atualizar o marxismo em meio à hecatombe da burocracia do assim chamado “socialismo real”. Como veremos adiante, quatro anos depois, isto é, um ano antes de sua morte, é com essa mesma intenção que Florestan vai redigir um artigo exclusivamente sobre a atualidade do marxismo através do projeto teórico-político de Mariátegui.

II. Entre livros, poeiras e leituras: a biblioteca de Florestan Fernandes

Na biblioteca particular de Florestan é possível encontrar livros de Mariátegui, lidos e anotados que parecem ter-lhe suscitado grande interesse. Antes de avançarmos no que Florestan tinha especificamente disponível, no que destacou e no que anotou nas obras do marxista peruano, cabe registrar a importância desse universo particular que era sua biblioteca e, por extensão, do ofício de seu trabalho intelectual – isto é, livros, leituras, grifos, anotações.

Eram mais de treze mil títulos, sem contar aqueles que eventualmente foram extraviados, emprestados (e não devolvidos) ou simplesmente vendidos. Essas são apenas algumas das razões pelas quais não devemos pretender que a análise da biblioteca de Florestan determina o que ele tivesse lido. De qualquer forma, até o final da vida, Florestan tinha na memória praticamente todos os livros e revistas que possuía¹⁶. Em depoimento, Heloisa Fernandes, filha de Florestan, afiança:

Seus livros eram sua fortuna, mas não fetiches a serem limpos, ilustrados, encadernados. Tal como só as crianças sabem fazer com seus tesouros, seus livros eram valores de uso, lidos e relidos por um leitor ativo, atento, exigente, que anota, escreve, rabisca, grifa, a tal ponto que, muitas vezes, restam, afinal, dois textos: o do próprio autor e o do seu leitor!¹⁷

Quais eram, então, os livros de (e sobre) Mariátegui que Florestan possuía em sua biblioteca? Conforme o quadro abaixo, são ao todo doze livros disponíveis: quatro de Mariátegui (*Siete Ensayos*, *Historia de la crisis mundial*, *Defensa del marxismo*, *Ideología y*

¹⁵ *Idem*, “Em defesa do socialismo”, em Florestan Fernandes, *Em busca do socialismo: últimos escritos & outros textos* (São Paulo, Xamã, 1995), p. 201.

¹⁶ Heloisa Fernandes, “Amor aos livros – reminiscências de meu pai em sua biblioteca”, em VV. AA. *Florestan ou o sentido das coisas* (São Paulo, Boitempo, 1998), p. 49.

¹⁷ *Idem*, *Ibidem*.

Política) oriundos da coleção “obras completas” conhecidas como edições populares; oito *sobre* Mariátegui, dentre eles quatro do peruano Ricardo Lunes Vega (dois deles com dedicatória do autor a Florestan), um livro organizado pelo marxista argentino José Aricó e um exemplar do primeiro número da revista peruana *Anuario Mariateguiano*, dirigida por Antonio Melis e Alberto Tauro. Há, ainda, dois exemplares de um livro que o sociólogo Aníbal Quijano organizou e prefaciou pela uma editora mexicana, Tierra Firme, ambos também com dedicatória. Além disso, Florestan também tinha em seu acervo boletins (como o *Boletín Informativo del Centenario de José Carlos Mariátegui*), cartazes, pôsteres sobre JCM com fotos, especialmente de comemorações de seu centenário, em 1994¹⁸.

Livros de Florestan Fernandes em sua biblioteca particular

1. José Carlos Mariátegui. <i>Siete ensayos de interpretacion de la realidad peruana</i> . 20ª ed. Lima: Amauta, 1972 (com grifos e anotações, 1 exemplar).
2. José Carlos Mariátegui. <i>Ideología y Política</i> . Lima: Amauta, 10ª ed. 1979 (com grifos e anotações em alguns artigos, 1 exemplar).
3. José Carlos Mariátegui. <i>Historia de la crisis mundial</i> . Lima: Amauta, 6ª ed. 1979 (com grifos e anotações no primeiro capítulo, 1 exemplar).
4. José Carlos Mariátegui. <i>Defensa del marxismo</i> . Lima: Amauta, 9ª ed. 1980 (com grifos e poucas anotações, 1 exemplar).
5. Ricardo Lunes Vega. <i>José Carlos Mariátegui. 1984-1930 Ensayo biográfico</i> . Lima: Editorial Horizonte, 1986 (sem grifos nem anotações, 1 exemplar).
6. Ricardo Lunes Vega. <i>Mariátegui y el Peru de ayer, de hoy y de mañana</i> . Lima: Ediciones Rincon Rojo, 1ª ed. 1981 (sem grifos nem anotações, 1 exemplar).
7. Ricardo Lunes Vega. <i>Introduccion a Mariátegui</i> . Lima, Causachun, 1ªed. 1975 (sem grifos nem anotações, 1 exemplar).
8. Ricardo Lunes Vega. <i>Mariátegui, Haya de la Torre y la verdad histórica</i> . Lima, Retama, 1978 (com grifos e anotações, 1 exemplar).
9. José Aricó (org.). <i>Mariátegui y las orígenes del marxismo latino-americano</i> . México: Pasado y presente, 1978 (sem grifos nem anotações).
10. VV. AA. Revista <i>Anuario Mariateguiano</i> . Lima, Amauta, n.1, 1989. (sem grifos nem anotações).
11. Anibal Quijano (org.). <i>Jose Carlos Mariátegui: textos básicos</i> . México, Tierra Firme, 1991. (grifos e anotações somente no prólogo, 2 exemplares).

¹⁸ UFSCar – Biblioteca Comunitária/ Decore/Fundo Florestan Fernandes 4111/6631/6632/6633/7507.

Para entender a importância da presença dos volumes acima listados na biblioteca de Florestan cabe um rápido parêntese sobre as origens das “Obras Completas” de JCM. Em 1956, os filhos de Mariátegui (especialmente o primogênito Sandro), como maiores responsáveis na empreitada, decidem publicar a primeira edição “popular”, da obra de seu pai. Com uma tiragem de 50 mil exemplares, vendidos a preços acessíveis em várias províncias do Peru. Com o sucesso de venda, inúmeras edições, de bolso, foram impressas. Em um primeiro momento, a coleção inicialmente dotada de vinte volumes, abarcava apenas os textos do retorno da viagem à Europa, em 1923, até a morte, em 1930, ou seja, um conjunto de produção de sete anos¹⁹. Entre 1987 e 1994, foram acrescentados mais oito tomos dos “Escritos de Juventude”, além da correspondência, de dois tomos, preparada pelo italiano Antonio Melis²⁰. Em comparação com a bibliografia disponível atualmente, os livros que Florestan possuía – ao menos os que hoje se encontram em sua biblioteca – representam uma pequena parcela da obra de Mariátegui, mas no contexto e época em que foram adquiridos consistiam nos principais livros então disponíveis. Há, portanto, razões suficientes para identificarmos um enorme interesse da parte do sociólogo marxista em adquirir parte substantiva dos livros que estavam ao seu alcance.

Não custa lembrar que Mariátegui publicou apenas dois livros em vida: *La Escena Contemporánea* (1925) e o *Siete Ensayos* (1928). Presente na biblioteca de Florestan, este último foi grifado e anotado abundantemente, do começo ao fim, especialmente nos três primeiros capítulos. É verdade que o pensador peruano tinha alguns poucos livros em preparação, que foram lançados postumamente. Um deles, *Defensa del Marxismo - polémica revolucionária*, originalmente publicado em 1956, (embora tenha circulado uma edição incompleta – pirata – no Chile em 1933), teve poucos grifos e apenas uma pequena anotação do sociólogo brasileiro. Assim, “todo o resto de sua obra é resultado de um difícil trabalho de pesquisa e compilação de dezenas e dezenas de textos (muitos deles, jornalísticos)”²¹, que discutiam temas tão diversos como crítica literária, artigos políticos, contos, poemas, peças de teatro, um “romance-reportagem”, assim como textos sobre educação, artistas e escritores, a

¹⁹ Luiz Bernardo Pericás, “Mariátegui, os *Sete Ensaio*s, a APRA e a Internacional Comunista”, em Luciana Aliaga, Henrique Amorim e Paula Marcelino (org.), *Marxismo: teoria, história e política* (São Paulo, Alameda, 2011), p. 119.

²⁰ Antonio Melis, “José Carlos Mariátegui hacia el siglo XXI”, em José Carlos Mariátegui, *Mariátegui Total* tomo I, (Lima, Amauta, 1994), p. XI-XXXIV.

²¹ Luiz Bernardo Pericás, “Mariátegui, os *Sete Ensaio*s, a APRA e a Internacional Comunista”, em Luciana Aliaga, Henrique Amorim e Paula Marcelino (org.), *Marxismo: teoria, história e política*, op. cit., p. 119.

questão indígena e agrária, assuntos mundiais, entre outros²². É o caso do livro *Historia de la crisis mundial*, um ciclo de conferências que Mariátegui fez na Universidade Popular González Prada, durante o biênio de 1923/1924, através da reunião de versões completas e parciais, estas últimas encontradas nos diários da época. Dele, Florestan grifou apenas o texto da primeira conferência intitulado “A crise mundial e o proletariado peruano”. *Ideología y Política* também é um livro com artigos esparsos. Escritos políticos e sindicais, polêmicas em periódicos, teses políticas, ideologia de linhas editoriais de periódicos e revistas caracterizariam a tônica dos artigos e documentos. Florestan grifou vários trechos e algumas anotações à margem de oito deles: “El problema de las Razas en la America Latina” (apenas a primeira parte), “Punto de Vista Anti-imperialista”, “Antecedentes y Desarrollo de la Accion Classista”, “Hacia la Confederacion General de Trabajadores del Peru”, “La Central Sindical del Proletariado Peruano”, “La Confederacion General de Trabajadores del Peru”, “Estatutos y Reglamentos de la ‘Oficina de Auto-educacion Obrera” e “Principios Programaticos del Partido Socialista”.

III. Mariátegui, Florestan e os dilemas da periferia do capitalismo

Em realidade, na maior parte dos textos mencionados, Florestan faz anotações à margem, bem pontuais, apenas destacando alguma afirmação. De qualquer forma, não se trata aqui de examinar à exaustão todo esse conjunto, mas de captar algumas ideias-chave que chamaram a atenção de Florestan. Embora seja possível flagrar uma afinidade entre as ideias de Mariátegui e Florestan, isso não significa que o sociólogo brasileiro realize uma leitura passiva e ingênua. As margens também servem a diversas correções (e advertências) de textos lidos por Florestan. Por exemplo, nos *Sete ensaios* – o caso mais paradigmático das correções –, Florestan questiona em diversos momentos algumas formulações: se Mariátegui afirma que o problema do índio deve ser explicado numa chave econômica social e não pelo mecanismo administrativo, jurídico ou eclesiástico, Florestan, sem deixar de concordar com o argumento, escreve que o problema também toca em outras fibras, já que a “política” e a “estru. [estrutura] de poder e dominação estiveram tb. [também] presentes!” – curiosamente um argumento tipicamente weberiano! Se Mariátegui afirma que “a conquista foi um ato

²² Para Mazzeo, sem desmerecer a importância da iniciativa de organização de seus escritos por temas, que provavelmente a empreitada não tenha sido a melhor forma de captar “o sentido histórico e unitário” da obra mariáteguiana. Ver, Miguel Mazzeo, *El socialismo enraizado: José Carlos Mariátegui: vigencia de su concepto de “socialismo práctico”* (Lima: FCE, 2013), p.33. Uma tentativa – embora incompleta – de catalogar os textos de Mariátegui *cronologicamente* pode ser consultada em Guillermo Rouillon, *Bio-Bibliografía de José Carlos Mariátegui* (Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1963).

político”, Florestan questiona “e não econômico?”. Se Mariátegui nomeia as tradições comunitárias do campesinato indígena peruano como “comunismo inca”, Florestan faz a seguinte indagação: “e o tipo de estratificação existente?”. Exemplos não faltam nessa direção...

Talvez uma das questões mais prementes na leitura de Florestan e na interpretação que realizava das particularidades do capitalismo periférico no circuito mundial tenha sido a relação intrínseca entre estruturas coloniais e capitalismo. Nem sempre Mariátegui construiu essa relação de maneira satisfatória, a bem da verdade. Às vezes, transparece uma certa ideia de sociedades duais em se tratando dos modos de produção, mas de maneira residual, já que na maior parte dos momentos, podemos ver uma colocação contrária. Por exemplo, quando Mariátegui trata do problema da terra, afiança que “as raízes do feudalismo estão intactas. Sua subsistência é responsável, por exemplo, pelo atraso de nosso desenvolvimento capitalista. (...) Sobre uma economia semifeudal não podem prosperar nem funcionar instituições democráticas feudais”²³. Florestan notifica à margem dessas duas afirmações uma observação: “única limitação: focaliza o interno sem o externo como concomitante”. Para Florestan não é que a aristocracia latifundiária da colônia tinha conservado de maneira intacta seus “direitos feudais” sobre a terra, apesar do advento da república. Em realidade, ela conservou as estruturas coloniais de dominação e poder econômico e político. Em outras notas, o sociólogo segue na mesma direção: “em vez de feudal = preservação de estruturas coloniais”, “a regra = a burguesia capitalista que perpetuam a[s] estruturas coloniais!”. Haveria também uma diferença sutil, mas importante entre os termos “colonial” e “neocolonial”. País de raízes tipicamente coloniais, com advento da república mas sem romper com as estruturas de dependência, o Peru expressa, na verdade, uma *economia neocolonial*. Por isso, Florestan “corrige” a afirmação mariateguiana segundo a qual “a economia do Peru é uma economia colonial” – ele anota, “seria melhor – neocolonial”.

De qualquer maneira, antes de serem falhas incorrigíveis, essas seriam os traços do trabalho de um leitor atento e exigente sobre um autor cuja obra considerava “lúcida” e “notável”. Florestan comenta essas lacunas: “se perfilhou uma terminologia que hoje é considerada inadequada – e portanto infeliz – isso só ocorre em poucos passos, como no tratamento que dá à assimilação da organização colonial ao modelo feudal e à discussão da tenacidade dos resíduos feudais”²⁴.

²³ José Carlos Mariátegui, *7 ensayos de interpretacion de la realidad peruana*, op. cit., p. 53.

²⁴ Florestan Fernandes, “Prefácio”, em José Carlos Mariátegui, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* (São Paulo, Alfa Omega, 1975). Em outro trecho do mesmo texto lê-se: “para quem morreu tão cedo e

Em geral, Florestan enxerga em Mariátegui um pensador que estava correto no plano analítico e explicativo de suas observações e conclusões. Não por acidente, o texto que mais chamou atenção do sociólogo brasileiro, do começo ao fim, foi “Punto de vista Antiimperialista”, tese apresentada à Primeira Conferência Comunista Latino-Americana (Buenos Aires, junho de 1929). Ao que tudo indica, Florestan apreciou positivamente o documento redigido pelo marxista peruano. Isso se confirma no final do texto, em que Florestan escreve o seguinte comentário: “Provavelmente = o escrito mais pertinente e criador de M. [Mariátegui] = suas conclusões só se tornariam empiricamente evidentes para os imperialistas com o relt. [relatório] Rockefeller [Rocfeller]; e globais para esquerda rev. [revolucionária] na década de 60 – um antecipador”. Em vários trechos ele escreve palavras à margem como “certo”, “correto”, “bravo!”, “boa!”, mostrando-se entusiasmado e sintonizado com as ideias desenvolvidas, especialmente com a caracterização política, social e econômica que Mariátegui endereça às burguesias latino-americanas.

Quais seriam essas características? Mariátegui afirma que as burguesias nacionais não têm nenhuma inclinação para admitir a necessidade de lutar pela “segunda independência”. Inexiste um programa de autonomia nacional, um nacionalismo revolucionário. Na Indo-América, “a aristocracia e a burguesia crioulas não se sentem solidárias com o povo pelos laços de uma história e de uma cultura comuns”²⁵. Sublinhando essa frase, Florestan escreve a seguinte nota ao lado: “bravo! (por que se cometeram tantos erros depois desses escritos?)”. Certamente, ele se refere aos Partidos Comunistas da América Latina que adotaram como estratégia política a aliança com a burguesia “nacional” na crença de uma “etapa democrático-nacional e antifeudal” da revolução no continente²⁶. Não por acaso, na conclusão do texto em que Mariátegui afirma sua postura antiimperialista e revolucionária – “somos antiimperialistas porque somos marxistas, porque somos revolucionários, porque opomos ao capitalismo o socialismo como sistema antagônico”²⁷ –, Florestan destaca o excerto em um tom de lamentação e escreve: “deveria ter sido a base pol. [política] dos PCs na Al. [América Latina]”. Essa conduta política catastrófica dos Partidos Comunistas na América Latina é realçada novamente por Florestan à margem de uma longa nota de rodapé nos *Sete ensaios*:

só iniciou a atividade criadora madura aos 28 anos, atendo-se, além do mais, a padrões de exigência intelectual estritos, trata-se de uma façanha única”.

²⁵ José Carlos Mariátegui, “Punto de vista anti-imperialista”, em *Ideología y política* (Lima, Amauta, 1988), p. 88.

²⁶ É verdade que Mariátegui em um determinado momento insinua que a burguesia argentina, onde seria “numerosa e rica”, poderia ser uma exceção à regra, ou seja, “progressista”, ainda que isso fosse improvável. Florestan adverte para qualquer resquício de esperança desse tipo: “enganou-se!”.

²⁷ José Carlos Mariátegui, “Punto de vista anti-imperialista”, *op. cit.*, p. 95.

“não existe ‘burguesia progressista’.... = já antes de 1928 = portanto, o erro da estratégia dos PCs na AI = não é resultado da falta de percepção intel. [intelectual] da real. [realidade] !”.

Fica claro que a hipótese de Mariátegui acerca de uma burguesia impotente no subcontinente agradou o sociólogo marxista. Ainda, no documento “O problema das raças na América Latina”, texto publicado em 1929, Florestan destaca os seguintes trechos: “uma burguesia medíocre, débil, formada no privilégio” e “a maior falta que se pode imputar à classe dominante da república é não ter sabido acelerar, com uma inteligência mais liberal, mais burguesa, mais capitalista de sua missão, o processo de transformação da economia colonial em economia capitalista”. Em prognóstico, Mariátegui afirma que sempre haverá colaboração das burguesias do subcontinente enquanto a política imperialista conseguir manipular os sentimentos e as formalidades da soberania nacionais dos estados, “enquanto não se vir obrigada a recorrer à intervenção armada e à ocupação militar”²⁸. Trecho esse sublinhado pelo sociólogo brasileiro como “correto”, já que era exatamente isso que estava ocorrendo nos países latino-americanos na década de 70. Florestan faz o seguinte comentário à margem: “que pena! (nem mesmo pelas razões capitalistas)”. Ou seja, as burguesias jamais iriam aderir a tal projeto, mesmo por um programa capitalista autônomo. Essa avaliação política imperialista no subcontinente estaria totalmente ausente na teorização apriorista, segundo Mariátegui, e também pelos epígonos “stalinistas”, como completa Florestan.

IV. “Todo meu sangue em minhas ideias”: o significado atual de Mariátegui

Resultado de um convite dos editores do *Anuario Mariateguiano*, revista peruana que tinha como objetivo divulgar os trabalhos sobre JCM – e no ano de 1994, estava dedicando um número especial ao centenário do nascimento do pensador peruano –, Florestan escreveu um ensaio intitulado “Significado atual de José Carlos Mariátegui”²⁹. Trata-se de um artigo relativamente curto, mas denso, instigante, com um turbilhão de ideias, conexões inesperadas. De certo modo, mais do que um artigo científico, o texto é, sobretudo, uma intervenção política intempestiva e refinada. Os inúmeros adjetivos ao longo do texto não escondem a simpatia e admiração do sociólogo brasileiro em relação ao autor dos *Sete ensaios*: “espírito criativo”, “intelectual polimórfico”, “autêntico revolucionário”, “intelectual marxista por excelência da América Latina”, “produtor de conhecimento e homem de ação”, “inteligência

²⁸ *Idem*, p. 89.

²⁹ Florestan Fernandes, “Significado actual de José Carlos Mariátegui”, *Anuario Mariateguiano* (Lima, Amauta, n. 6, 1994), p. 81-87. O texto também foi publicado com mesmo título, no mesmo ano, em português na *Revista Universidade e Sociedade* (Brasília, n.7, 1994).

sociológica”, O objetivo do texto não é apresentar a trajetória e a obra intelectual e política de Mariátegui e seus possíveis desdobramentos. Sem diminuir a importância desses estudos – ele cita como exemplo o livro organizado por José Aricó –, na verdade, existiria uma intenção política bastante clara: através da figura de Mariátegui e de seu projeto teórico-político, Florestan testaria a (pseudo) validade das ideias de “fim das ideologias” e dos *slogans* “desaparecimento do socialismo” e “morte do comunismo”, que estavam em voga no contexto de redação do texto.

A primeira tentativa de desmistificar a ideia de que “o socialismo está morto” – e talvez a principal do texto – é defender um Mariátegui crítico implacável das ideologias do progresso. Nesse contexto, Florestan destaca o que considera uma qualidade do pensador peruano: “Sua convicção era clara: os progressos do capitalismo redundam em aumento geométrico da barbárie. Essa realidade sempre foi subestimada de uma perspectiva eurocêntrica”³⁰. De fato, a defesa da ideia de desenvolvimento do capitalismo e da ideologia do progresso como motor inexorável da história se fez presente tanto no espectro político conservador quanto no “revolucionário”³¹. A perspectiva eurocêntrica marxista, por exemplo, se limitava a transplantar mecanicamente para a América Latina os modelos de desenvolvimento socioeconômico que explicam a evolução histórica da Europa ao longo do século XIX, como se a periferia do mundo capitalista fosse uma mera repetição do espaço central. Essa crítica da perspectiva eurocêntrica, ou das “ilusões eurocêntricas” especialmente *dentro* do marxismo – e Marx³² e Mariátegui como figuras resistentes a ela – serão enfatizadas inúmeras vezes ao longo de “O significado atual de José Carlos Mariátegui”. Não deixa de ser curioso, para não dizer empobrecedor, que justamente a ênfase de um pensamento *marxista descolonizador* que Florestan sublinha com tanto vigor tenha sido abandonada pelos assim chamados estudos pós-coloniais da América Latina (com exceção de Enrique Dussel e Aníbal Quijano) que enxergam o marxismo como uma teoria exclusivamente ocidental e europeia.

³⁰ *Ibidem*, p. 81.

³¹ Nesse sentido, existe um paralelismo impressionante entre Mariátegui e as ideias de Walter Benjamin, que, na década de 30, exigia que o materialismo histórico aniquilasse a ideia de progresso. Em *Passagens*, o pensador alemão assevera: “Pode-se considerar um dos objetivos metodológicos deste trabalho demonstrar um materialismo histórico que aniquilou em si a ideia de progresso. Precisamente aqui o materialismo histórico tem todos os motivos para se diferenciar rigorosamente dos hábitos de pensamento burgueses. Seu conceito fundamental não é o progresso, e sim a atualização”, Walter Benjamin, *Passagens* (Belo Horizonte/ São Paulo: UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007), p. 502.

³² Sobre Marx e a ruptura com o eurocentrismo, cf. Kevin B. Anderson, *Marx at the Margins: On Nationalism, Ethnicity, and Non-Western Societies* (Chicago, The University of Chicago Press, 2010); Álvaro Bianchi, “O marxismo fora do lugar”, *Política & Sociedade*, (Florianópolis, v. 9, 2010), p. 177-204; e Jean Tible, *Marx Selvagem* (São Paulo, Annablume, 2013), especialmente o primeiro capítulo.

Por outro lado, Florestan formulou questões que supostamente Mariátegui poderia ter feito em relação às peculiaridades do capitalismo na década de 1990. Como nesse trecho, por exemplo: “(...) nos dias que correm, Mariátegui – ao contrário de tantos anarquistas, socialistas e comunistas – encontraria dentro de si a indagação fundamental: como representar e explicar a totalidade histórica ao capitalismo monopolista automatizado?”³³. Afinal, como afirmou Roland Forgues, a mundialização da economia, a universalização da dominação e a interações dos povos e das culturas constituía já na década de 1920 um dos principais axiomas do pensamento de Mariátegui³⁴.

Não há dúvida de que essa também era uma das preocupações candentes de Florestan nos últimos anos de sua vida: deslindar as contradições do capitalismo monopolista da era atual vulgarmente conhecida como “globalização”. É provável que o sociólogo marxista coloque Mariátegui nessa família de intérpretes sobre a dinâmica do capitalismo de seu tempo, já que este esteve impulsionado em vista de um projeto de “investigação macro-histórica de modelo marxista” na qual procurou estudar a formação e o desenvolvimento do capitalismo no Peru. Desse modo, teria tido a capacidade de “observar, representar e explicar *processos históricos de longa duração* e de uma proposta revolucionária concomitante, que vincula dialeticamente passado, presente e futuro”³⁵. Assim, pelo esforço de interpretação histórica livre de etnocentrismos (ou muito próximo disso), Mariátegui lido por Florestan foi aquele que “se propôs a enriquecer o marxismo fora e acima dos eixos eurocêntricos”, priorizando uma visão totalizante da realidade social peruana.

Florestan ressalta outra qualidade de Mariátegui que está organicamente relacionada com as demais características apresentadas acima: “a discreta defesa intransigente do marxismo”. Uma formulação bastante curiosa, um pouco enigmática, mas que está longe de ser contraditória. A própria diferença que marca os debates entre Mariátegui e a figura de Haya de la Torre, assim como “os entrecosques entre a teoria e prática marxista na URSS (e como eles se equacionavam externamente, graças à arquitetura e à relação entre meios e fins da Internacional Comunista)”³⁶ – temas amplamente estudados e repletos de controvérsias entre os “mariateguistas”³⁷ – podem ser entendido a partir da interpretação que Mariátegui

³³ Florestan Fernandes, “O significado actual de Mariátegui”, *op. cit.*, p. 82.

³⁴ Roland Forgues, “Mariátegui, lazo de unión entre América y Europa” em VVAA. *Encuentro Internacional José Carlos Mariátegui y Europa: el outro aspecto del descubrimiento* (Lima, Amauta, 1993), p. 77.

³⁵ Florestan Fernandes, “O significado actual de Mariátegui”, *op. cit.*, p. 85.

³⁶ *Ibidem*, p. 83.

³⁷ Cf., entre outros, Alberto Flores Galindo, *A agonia de Mariátegui*, (Lima: Desco, 1980); Luiz Bernardo Pericás “José Carlos Mariátegui e o marxismo”, em José Carlos Mariátegui, *Do sonho às coisas: retratos subversivos* (São Paulo, Boitempo, 2005); Miguel Mazzeo, *El socialismo enraizado: José Carlos Mariátegui vigencia de su concepto de “socialismo práctico”*, *op. cit.*

tinha do marxismo. Não é coincidência que o marxista peruano tenha suscitado as mais espúrias desconfianças e incompreensões tanto do marxismo “oficial”, europeísta, ossificado, quanto do assim chamado “expecialismo indo-americano”³⁸, o que o levou por muito tempo ao ostracismo político perante a esquerda peruana.

Essa experiência dramática, que se deu com outras figuras de projeção equivalente, conferiu maior profundidade à sua ótica marxista. Eu a encaro como o fator primordial da grandeza de sua perspectiva histórica e do conteúdo cerrado adquirido por sua visão do marxismo, em todos os seus desdobramentos³⁹.

Em outro trecho lê-se: “Patenteia-se, pois, o quanto Mariátegui transcendeu à órbita do marxismo triunfante do seu tempo e o quanto ele compartilha conosco na necessidade de ir mais longe ou perecer”⁴⁰. Em síntese, o Mariátegui de Florestan possui um marxismo crítico e independente não apenas por sua contribuição criativa à reflexão da formação social peruana, mas também como uma das tentativas mais significativas do campo marxista de romper com o evolucionismo, a ideologia do progresso linear e o eurocentrismo. Florestan, no final do artigo, anuncia: “as proposições de Mariátegui marchariam como antes, de acordo com a redução de Engels: socialismo ou barbárie? São proposições que não foram varridas pela tempestade”⁴¹. Além de Engels, Rosa Luxemburgo também conservou a afirmação “Socialismo ou barbárie?”, aliás, com mais intensidade, rompendo com a concepção da história como progresso irresistível e inevitável⁴². Dessas lições resulta que o pensamento de JCM, com todas as limitações que teve, “ainda se ergue como um farol, que ilumina o horizonte intelectual e político dos que querem conferir aos latino-americanos a opção pelo marxismo”⁴³. Como afiança o argentino Miguel Mazzeo, em uma entrevista que nos concedeu:

Para além de suas limitações, das “desordens categoriais” e de algumas contradições, Mariátegui, ao assimilar o dinamismo crítico-dialético do marxismo, ao realizar a análise concreta da realidade peruana, ao fazer passar o marxismo pelo “crivo dos ancestrais”, ao valorizar uma perspectiva histórica e crítica (nem mais nem menos que a própria historicidade e criticidade do marxismo), aumentou suas possibilidades heurísticas e epistemológicas, preparou o caminho para o avanço e sua capacidade de intervir na história como força social transformadora⁴⁴.

³⁸ Cf. Michael Löwy, “Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina”, em *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais* (São Paulo, Perseu Abramo, 1999), p. 9-66.

³⁹ Florestan Fernandes, “O significado actual de Mariátegui”, cit., p. 83-84.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 82.

⁴¹ *Ibidem*, p. 87.

⁴² Para uma comparação entre Rosa Luxemburgo e Mariátegui, ver Deni Alfaro Rubbo, “José Carlos Mariátegui e Rosa Luxemburgo”, *Outubro*, n. 23 (São Paulo, 2015).

⁴³ *Ibidem*, *Idem*.

⁴⁴ Deni Ireneu Alfaro Rubbo, “Heresias revolucionárias na América Latina: de José Carlos Mariátegui aos movimentos populares contemporâneos: Entrevista com Miguel Mazzeo” em *Lutas Sociais*, v.17, n.30 (São Paulo, Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais, 2013), p. 98.

Por todos os elementos trazidos neste trabalho, Florestan Fernandes não foi apenas um divulgador da obra mariateguiana no Brasil. É verdade que somente o fato de recepcionar uma figura de proa da história do marxismo latino-americano já seria de grande relevância. “Mariátegui é o nosso ‘irmão mais velho’”, disse certa vez Florestan. Curiosamente, não há uma única nota de Florestan exclusivamente sobre a questão indígena de Mariátegui, já que esse era um tema conhecido pelo autor que havia publicado *A organização social dos Tupinambá* e *A função social da guerra na sociedade Tupinambá* – certamente uma de suas contribuições mais originais. De todo modo, Mariátegui lido por Florestan faz parte da árvore genealógica do marxismo crítico e engajado na América Latina – e muito provavelmente a semente principal dessa família que teve bons frutos durante a década de 1960 e 1970. Isso fica evidente não apenas nos textos, entrevistas e intervenções em que sociólogo brasileiro dirige-se explicitamente ao nome Mariátegui, mas também nas anotações que fez a margem de diversos textos do pensador peruano, até então inéditas ao público, não deixando de realizar uma leitura rigorosa e atenta. Pois uma de suas contribuições originais foi adotar uma análise marxista descolonizadora da América Latina fora dos eixos da epistemologia europeia em um campo intelectual estreito. Talvez, dessa perspectiva possa resultar a permanência definitiva, também no cenário brasileiro, da obra de JCM no rol das grandes interpretações marxistas da América Latina que priorizaram conhecer, explicar e transformar o tempo presente.